

## VISÃO DO EDITOR

# MUSEUS DE SONHOS, ASSOMBROS E DESTROÇOS

**A** visita ao Brasil do diretor da Fundação Solomon Guggenheim, Thomas Krens, foi o assunto da semana entre os que fazem cultura no país. Como na época da candidatura do Rio de Janeiro às Olimpíadas de 2004, autoridades revezaram-se nos salamaleques e mimos oferecidos ao novo amigo americano. Em Brasília, não foi diferente. A secretaria de Cultura

ofereceu área próxima ao Palácio do Jaburu, às margens do Lago Paranoá, para construção de uma filial do Museu Guggenheim. Mr. Krens devolveu a oferta com palavras cordiais e elogios diplomáticos à cidade. Nada que o compromettesse, muito pelo contrário, até porque o principal objetivo da viagem do senhor Krens é iniciar as negociações (que envolvem dezenas de ci-

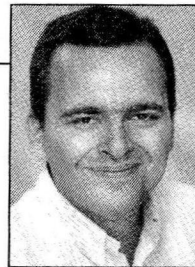
ANTES DE SONHAR COM A CONSTRUÇÃO DE UM MUSEU COMO O GUGGENHEIM, BRASÍLIA DEVERIA CONSOLIDAR A VOCAÇÃO PARA SER METRÓPOLE CULTURAL

frões) para realização em Nova York no ano que vem de mostra comemorativa dos 500 anos do Brasil.

Ainda bem que a incursão brasiliense do diretor do Guggenheim não incluiu uma voltinha pelas ruínas do Museu de Arte de Brasília (MAB), inaugurado em 1985 e entregue ao mato e ao pó. Mr. Krenz também ficaria assombrado diante da péssima con-

servação do acervo do MAB, guardado em condições precárias em depósito no Teatro Nacional.

Antes de sonhar com a construção de um museu de porte majestoso como o Guggenheim, que exigiria investimento de US\$ 100 milhões caso fossem realizadas as mesmas obras realizadas na cidade espanhola de Bilbao, Brasília precisa cair na realidade e



enxergar a sujeira que cobre o próprio umbigo. Há milhares de coi-

sas a serem feitas mais rapidamente para ajudar a cidade a consolidar sua vocação para ser uma autêntica metrópole cultural. O Guggenheim Brasília, infelizmente, parece ser apenas uma miragem no cerado, sonho de uma noite quente e seca, daqueles que se desvanecem logo nas primeiras horas de mais um dia de convivência com descaso e destroços.